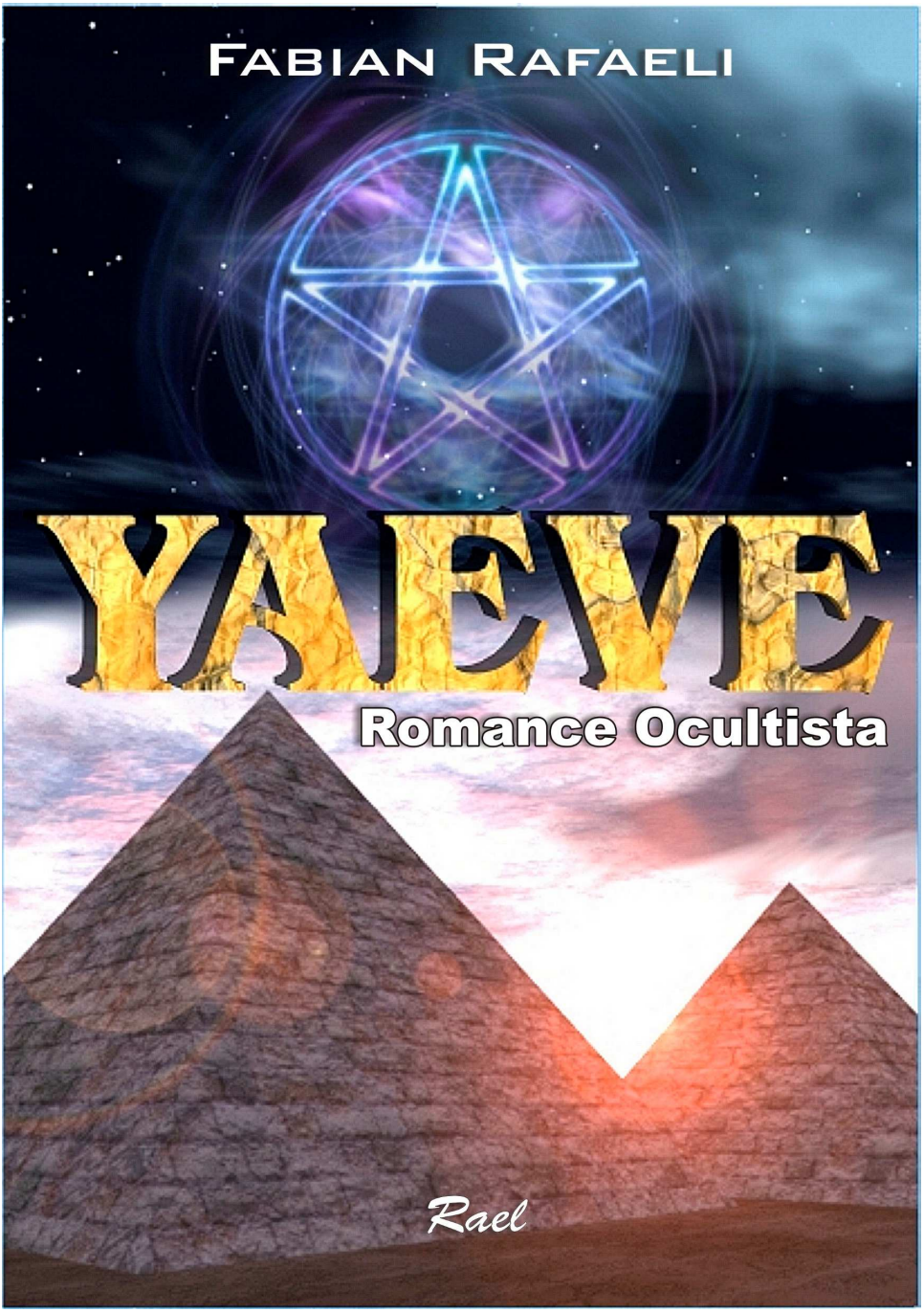

Fabian Rafaeli
YAEVE
Romance Ocultista
Rael

YAEVE

(***Fabian Rafaeli)***

Capítulo I

Era uma tarde com poucas nuvens e os raios do sol douravam aquelas paisagens semi desérticas de um pequeno vilarejo no coração da Índia, muitos lugares no entanto se destacavam pela sua grande vegetação e pela rica variedade de plantas e arbustos verdes, que lembravam sempre que a vida estava presente mesmo em meio às adversidades; o calor era abrasador naquele verão do ano de 1714, mesmo assim algumas dezenas de homens e jovens trabalhavam no campo sem fraquejar sequer por um momento, pois sabiam que sua subsistência dependia disto. Dentre eles se destacava a figura imponente do jovem Yaeve, seus traços bem feitos, com olhos claros, o tornava diferente dos outros.

Apesar de ter crescido naquele vilarejo, sua alma sempre foi inquieta pois ele sentia que trazia consigo

sonhos e sentimentos que sempre o isolaram do convívio comum e o colocavam constantemente em profunda reflexão:

"Como são vazios estes seres, caminham de um lado para o outro sem terem um destino. Assim que acabam seus afazeres no campo, se dirigem às suas pequenas casas, famintos e cansados, em busca do alimento.

"Eu não compreendo como é possível tanto esforço, uma vida inteira, para acabar assim, em meio a ferramentas e equipamentos de plantio. Passam desde a sua juventude nas lidas com a terra e nem se importam com que o tempo lhes marque a face, com sulcos à semelhança do que eles fazem com o campo."

"São jovens e idosos, todos a trabalhar num ritmo lento mas incansável e por detrás de tanto suor e fadiga se desenha no brilho de seus olhos a esperança de que a próxima safra seja melhor ainda. Sempre assim, pensando no amanhã e o agora? Para eles o agora não existe, há somente a luta pela vida, que no futuro com certeza será bem melhor."

“Questiono tanto estas pessoas em meus pensamentos, que até mesmo esqueço dos meus problemas e dúvidas. Não sei quem são meus pais, fui criado por um casal de camponeses com mais dois filhos.

Não tenho nada a reclamar, pois sempre me trataram com carinho e afeto, apesar de no fundo de minha alma sempre haver um vazio, uma tristeza, uma pergunta:

- Quem sou eu?”

Neste instante, Yaeve recebe uma batida em seu ombro e retorna à realidade, era um dos jovens que como ele fazia a plantação naquele verão, que o convidava a se reunir aos outros para fazerem suas refeições .- Hoje não me sinto muito disposto, creio que fique aqui, entre a plantação e a clareira, terminando o meu trabalho. Obrigado pelo convite de qualquer forma... Acrescentou ele sem muito ânimo...

Mirou seu colega e mal ele começou a desaparecer por detrás de uma pequena colina, Yaeve se dirigiu para a clareira próxima, algo o chamava àquela direção, seus passos estavam lentos, pois já havia algumas horas que estava trabalhando, quando chegou naquele pequeno recanto, ele pôde ficar um pouco mais a vontade

consigo mesmo, sem ser atrapalhado pela bagunça que muitas vezes seus colegas faziam durante as refeições, sentou-se debaixo de uma bela árvore, sua sombra acolhedora produzia uma aragem mais fresca, seus frondosos galhos criavam para o jovem um refúgio tranqüilo e este sentiu que seu corpo cansado começou a afrouxar-se e aos poucos um sono suave e repousante o envolveu.

Muitas imagens desfilaram em sua mente, como num turbilhão animado pelas suas fantasias; dentre tantas imagens conhecidas ,um homem e duas mulheres surgiram e com surpresa Yaeve sentiu-se próximo a eles ,envolvido por uma onda de carinho e de paz. Muitas coisas foram ditas durante estes breves minutos, mas somente estas palavras ficaram gravadas em sua memória:

"...Não desista, logo seu caminho irá iniciar, estaremos contigo..."

Neste mesmo instante gritos estridentes, vindos em sua direção o acordaram de sobressalto, com o coração acelerado e a respiração ofegante:

- Corra Yaeve sua mãe está passando mal!

Com muita destreza, ele se pôs de pé e por entre a plantação corria como um animal em fuga. - Minha mãe? Perguntava ele. - Esta mulher não é a minha mãe verdadeira, mas no entanto que amor eu tenho por ela! Todos estes dezenove anos dedicados à mim com tanta paciência e afeto. Sim ela é minha mãe!

Corria como um louco por entre atalhos no mato, sua destreza o fazia evitar os obstáculos, quanto mais apressava o seu passo, mais seu coração se enchia de agonia e ao longe pôde avistar em sua pequena cabana um aglomerado de pessoas. Entrou em seu lar ofegante e visivelmente abalado, avistou sua mãe cercada de mulheres da vila em prantos. Se aproximou e ao vê-lo, sua mãe sorriu e pegou em sua mão:

- Yaeve, sabe que sempre te tratei como um filho, as vezes fui rude, mas foi para o seu próprio bem...Diga ao seu pai para lhe entregar o que foi encontrado junto contigo, quando o adotamos, já é hora de receber o que lhe pertence...

Yaeve não sabia do que se tratava e não estava nem um pouco preocupado com o que era, sua mãe

precisava mais de atenção do que as suas memórias do passado. Enxugando um suor frio que se derramava em sua testa ele comprimiu a pequena mão de sua mãe às suas e em meio a alguns gemidos e espasmos, ela apertou ainda mais as mãos do jovem e o trouxe próximo ao seu rosto já bastante pálido.

- Siga seu caminho... Amo você meu filho...Essa não é uma despedida, estaremos sempre unidos pelos laços do amor...

Sem mais palavras, cerrou os olhos e numa última contração muscular afrouxou todo o corpo, sua tez tornou-se alva, seu semblante apesar do sofrimento estava sereno e tranqüilo, exprimindo que naquele instante seu corpo ficava desprovido de sua mais pura essência, a vida...

Capítulo II

A chama que incendiava os restos mortais daquela que tinha sido a protetora de Yaeve, produzia uma fumaça acinzentada que se mesclava com o dia nublado e com o vento frio que descia das encostas das montanhas distantes. Diante da cena, uma pequena multidão de pastores e agricultores, homens e mulheres recitavam sons harmoniosos que mais pareciam uma canção de despedida...

A medida que o corpo ia se consumindo pelo fogo Yaeve notava detidamente as pessoas que formavam o ritual fúnebre.

- Apesar de saberem que não existe a morte como ensinou Buda, o ILUMINADO, elas ainda alimentam uma tristeza profunda pela perda! O conhecimento que

aceitavam era falho pois nem ao menos conseguiam nesta hora recordá-lo? Todos choram menos eu! Não é frieza de sentimentos, eu apenas praticava o que tinha aprendido na minha infância; desde pequeno ouvia os ensinamentos budistas, cresci em meio ao desapego, aprendi a amar as pessoas pelo que elas são internamente e não pelo seu invólucro físico...

Enquanto Yaeve se perdia em seus pensamentos as últimas cinzas já eram sopradas pelo vento, as pessoas aos poucos iam deixando o local e sem importarem-se uma fina chuva começava a molhar-lhes o rosto, se misturando com as lágrimas que ainda persistiam em rolar, regando o solo com a vida da água e a tristeza do coração daquelas pessoas. Quando Yaeve retornou de seus pensamentos distantes ,olhou ao seu redor e apenas seu pai de criação ainda estava no local, os demais já haviam retornado às suas casas no vilarejo.

Arsteb, o camponês, olhava pela última vez o que restou do corpo daquela que tinha sido a sua companheira por longos anos e ao virar-se para trás, fixou seus olhos em Yaeve e caminhou em sua direção:

- Meu filho, é chegado a hora de saber quem você é, este embrulho que trago na mão foi encontrado contigo, deve lhe indicar algumas respostas, para tantas perguntas que sempre me fez, não posso mais lhe segurar aqui nesta vila de camponeses, sei que nunca se adaptou aos nossos costumes não podendo ser completamente feliz conosco. Sabíamos que tuas asas eram maiores que de qualquer outro e que mais cedo ou mais tarde você iria voar para o seu destino, pois nós não poderíamos te impedir...

- Não compreendo? - Murmurou Yaeve...

- Era uma noite sem vento. Continuou Arsteb. - Eu e sua mãe já havíamos deitado e de repente surgido do nada, houve um barulho ensurdecedor ,seguido de um clarão muito grande.

Vesti logo minha túnica, peguei uma arma e sai de casa, sua mãe com medo do desconhecido, pegou seus dois irmãos e me seguiu, não quis me deixar só.

Em meio aos arbustos e árvores aquele clarão que avistamos no quarto corria e se deslocava feito um raio, como eu não sabia o que era, movido pela curiosidade e pelo

instinto, agarrei a sua mãe e seus irmãos e começamos a perseguir aquela luz.

A luminosidade como que movida por uma inteligência interna se dirigiu ao rio próximo e quando lá chegou, pairou por sobre as águas, como se aguardasse a nossa chegada. Como loucos corríamos e quando nos livramos dos últimos arbustos que nos impediam a visão da água, lá estava a luz, mas havia algo mais...

Flutuando por sobre a água, havia uma jangada, eu me aproximei e mal pude acreditar no que via, uma pequena criança envolta num lençol de linho branco, com um embrulho ao seu lado, com aquela luz extremamente branca acima da sua pequenina cabeça, a mais ou menos uns dois metros de altura. Só que o mais espantoso é que em torno da jangada existia um outro circulo de luz, que protegia a criança e seus pertences! Como se fosse uma película de luz azulada e violeta que contrastava com a luz branca que pairava acima desta!

Num impulso interno, levei a minha mão em direção da pequena embarcação, olhei para trás e vi sua mãe e as crianças com as testas prostradas ao solo num sinal de

reverência e parece que em resposta ao meu gesto, a jangada começou a se aproximar. Quase a beira da água aonde eu estava, pude então perceber que em volta daquela jangada de luz, centenas de peixes nadavam e faziam com que ela se aproximasse da margem, quando minha mão perfurou o véu que protegia a criança, a luz branca que acompanhava por cima, começou a desfazer-se e infiltrar-se por entre a outra esfera iluminada, como numa fumaça brilhante aos poucos foi penetrando nas narinas daquele pequeno ser, ele praticamente inspirou toda a luz e começou a choramingar.

Peguei o pequeno no colo e sua mãe e as crianças correram em minha direção, todos com a face pálida de emoção e alegria.

No lacre que envolvia o embrulho, havia muitas coisas escritas, mas infelizmente eu não tinha o conhecimento necessário para decifrá-lo, pelo menos um nome eu pude soletrar...

- Esse nome?... - Sim Yaeve, esse nome era o seu...

Capítulo III

- Mais uma vez atrasada para a escola! Meu professor não vai mais tolerar os meus atrasos!

E passo a passo, cada vez mais rápidos, Louise caminhava em direção ao seu destino, a faculdade de Direito de Paris, uma das mais famosas de toda a França...

Duas batidas à porta e Louise entra na sala,25 minutos atrasada, seu professor a olha e detêm-se em sua oratória aos outros alunos. – Creio, cara aluna que pela quarta vez neste mês, você tem chegado tarde em minhas aulas! - Sabe professor eu...- Não me venha com mais desculpas! Reclamarei com a Diretoria e pedirei para que você seja suspensa de minhas aulas!

Louise nem quis sentar-se em sua cadeira, pois a vergonha e o desprezo com que fora tratada, acabara com a sua alegria naquele dia. Retirou-se da sala e dirigiu-se ao pátio central da Faculdade, aonde pôs-se a chorar.

- Não pude nem explicar-lhe que meu pai esta viajando e tenho que cuidar de seus afazeres no escritório, a todo o momento tenho que atender a telefonemas e orientar as pessoas que lá chegam, meu pai é um excelente Advogado, mas eu nem sei se irei me formar! Choramingava ela entre soluços...

Abaixou a sua cabeça e viu ao longe um papel amassado que o vento levava sem direção.

Resolveu correr atrás dele, pois algo atraía sua atenção para aquele pedaço tão singular de papel .Ao pegá-lo em meio ao pó, foi aos poucos desdobrando-o e uma tensão nervosa brotou em seu coração. Pôde ler e gravar bem em sua mente.

“Viagem de estudos à Índia, inscrições abertas...”

Obs.: Somente para alunos de história ,Filosofia e Estudos Sociais”

Ela repetiu diversas vezes o que tinha acabado de ler e viu que seu curso não dava condições para que ela fosse. - Índia!? Meu pai já resolveu muitos problemas lá e sempre me encantou com suas histórias !Locais exuberantes ,exóticos e perfeitos para passar uma semana! Mas como? O avião sai daqui a quatro semanas e eu ainda terei aula! Meu pai já terá voltado, mas de que adianta...

Como o vento fazia redemoinhos ela ao abaixar o rosto viu no chão uma carteira de estudante, recolheu-a em sua mão, pertencia a Caroline Duboir , cursanda da quarta fase, como ela, só que da turma de Filosofia. Ela achou estranho, encontrar ali, em meio às sujeiras uma identificação tão valiosa à faculdade ,pois uma carteira de estudante como aquela poderia abrir muitas portas...

Colocou o documento junto aos seus pertences e resolveu dirigir-se à diretoria central para devolvê-lo.

Senhor...- Perguntou Louise - Encontrei esta carteira no pátio e...

- Só um momento senhorita...

O balcão estava lotado de pessoas, pois para algumas turmas aquela seria a primeira semana de aula,

devido à problemas de carga horária. Louise começou a caminhar dentro da sala da diretoria em meio aos demais estudantes e lendo os avisos que se encontravam nos murais, encontrou a lista de alunos da turma de Filosofia, percorreu com os olhos todos os nomes, até encontrar o de Caroline e lá constava que ela havia sido transferida de uma outra faculdade para a de Paris. - Ela é uma aluna nova aqui! Pensou ela - Deve ter poucos conhecidos...

Continuou a olhar a lista e encontrou o nome de Robert Duboir - Deve ser seu parente, é o mesmo sobrenome! Retrucou consigo mesma.

Dirigiu-se mais uma vez ao balcão, para dessa forma tentar ser atendida e esclarecer a devolução daquela carteira. Quando se aproximou da ala de atendimento, pôde perceber que ao lado oposto do balcão, um enorme retângulo no centro da sala, um aglomerado de alunos fazia uma tortuosa fila em meio a empurrões e brincadeiras. Curiosa, resolveu saber do que se tratava.

Ao chegar próxima à turma, pôde perceber um cartaz sobre o balcão, onde os alvoraçados estudantes faziam a fila.

“Aqui inscrições para a viagem de estudos à Índia. Valor... Data...”

Com certeza deve haver estudantes de Filosofia entre eles! - Murmurou Louise.

Por favor, moço, você conhece Caroline Duboir ou Robert Duboir da turma de Filosofia?

Sem relutar à pergunta daquela jovem, o rapaz olha em volta e acrescenta:

- A Caroline eu não sei aonde anda, mas fale com seu irmão Robert, é aquele ali de camisa verde próximo à coluna. - Muito obrigada! Agradeceu e se deslocou com dificuldade em meio àqueles tempestuosos estudantes.

Louise olhou Robert e meio sem jeito dirigiu-se à ele. Robert era um jovem diferente dos demais, não se misturava com os outros estudantes e ao vê-la se aproximar fixou seus olhos nos dela.

- Robert Duboir?

- Sim?

- Gostaria de lhe devolver a carteira de estudante de sua irmã Caroline, que encontrei no Pátio Central.

Remexeu em sua bolsa e um tanto atrapalhada retirou o documento. - Sua irmã não veio hoje?

Não, minha irmã viajou ontem para nossa cidade natal, não quis iniciar este quarto semestre, ela esteve aqui, há dois dias, efetuou a matrícula, renovou a carteira e acabou desistindo de tudo, por causa de um velho amor! Não entendo as mulheres! – Sorriu Robert - De qualquer maneira obrigado pelo seu interesse, pois esta carteira em mãos erradas poderia causar muitas complicações...Minha irmã é muito desligada!

- Não agradeça por isso- Respondeu Louise e continuou. - Você vai à Índia?

- Sim e você?

- Não posso ,pois eu faço Direito e meu curso não está na lista dos que podem fazer a viagem. Fez uma carinha de triste.

Robert coçou o queixo, olhou para os lados e disse.

- O que você acha de trocarmos a foto de minha irmã pela a sua?

- Eu não sei...

- Não haverá problema, é inicio de semestre, o professor não conhece ninguém, além do mais os meus colegas podem nos ajudar. O que você acha de ser minha nova irmã?

Sem muito tempo para pensar, Louise com um aceno de cabeça responde que sim.

- Legal! - Exclamou Robert - Fique com a carteira e troque a foto, vou deixar a inscrição para amanhã, faremos ela juntos!

Louise guardou seu precioso “presente” na bolsa e caminhou para a porta, virou-se para Robert e num gesto de carinho sorriu.

- Nem sei como agradecer a ajuda! Amanhã estarei aqui para fazer a inscrição, neste mesmo horário, certo?

- Lhe aguardarei aqui, mas antes que vá, como é o seu nome?

- Louise Coett.

- Ou devo-lhe chamar de Caroline? - Brincou Robert.

Ambos sorriram e se despediram, no que parecia o início de uma grande amizade...

Após duas semanas, Louise com a passagem garantida, ainda tinha um problema, as aulas que iria faltar. Robert durante este tempo, preparava-se para a viagem e depois de ter esclarecido a sua turma a respeito de Louise, todos concordaram em ajudá-lo, pois sabiam que ela era a nova queridinha de Robert, ninguém quis contestar.

- Senhorita Louise - Chamou o Mordomo.

- Pois não Pierre?

- Chegou um aviso da Diretoria da Faculdade senhorita.

Louise levantou-se rápido, não se preocupou nem em terminar de fazer as unhas, o coração batia forte - Será que deu algum problema a respeito da passagem?

Centenas de pensamentos cruzavam-lhe a mente enquanto corria em direção à Pierre.

Pegou o envelope com suas mãos trêmulas e foi abrindo aos poucos, esperando encontrar um péssimo aviso a respeito do que fizera com a carteira de Caroline.

“ Notificamos que através de pedidos do Professor François Tonné ,Vossa Senhoria está afastada da Faculdade por um período de duas semanas, a contar da data do presente comunicado. Sendo portanto de seu inteiro conhecimento as penalidades e multas decorrentes deste afastamento...

...Diretoria Geral.”

Com os olhos brilhando Louise deu um pulo de alegria, nunca uma notícia dessas tinha chego em tão boa hora, pois seus amigos não iriam procurá-la em casa pelas faltas e nem seu pai precisava saber da viagem. Tudo estava mais claro do que nunca para ela, a viagem sonhada e o amor de Robert, nada poderia sair errado...

Capítulo IV

Yaeve um pouco atordoado com o que acabara de ouvir, passou a mão pela testa e retirou o suor úmido e frio que brotava sem um motivo aparente.

Este aqui - Disse Arsteb - É o pacote que foi encontrado contigo, não foi violado, pois em seu selo conseguimos decifrar apenas o nome e que era para ser entregue a partir de seus doze anos.

- Mas pai!? Já estou com dezenove anos porque não...

Sua pergunta foi silenciada pelas lágrimas do velho camponês, que completou.

- Eu sei que deveria ter sido entregue há muito tempo, mas tínhamos medo que o conteúdo dela fizesse

com que você nos abandonasse e eu e sua mãe o amamos muito...

Yaeve naquele momento percebeu que não deveria perguntar mais nada, pois sentia em seu coração o sofrimento daquele pobre homem que acabara de perder sua esposa e que agora sentia também a proximidade do afastamento de mais um ente querido, Yaeve.

Arsteb sem falar mais nenhuma palavra largou o embrulho no chão e retirou-se daquele pequeno vale com a cabeça baixa e as lágrimas correndo-lhe pela face.

Yaeve meio sem jeito e profundamente impressionado com tudo o que ocorreu, sentou-se diante daquele estranho pacote, de um algodão já amarelado pelo tempo e meditou:

- Tantas dúvidas alimentei durante anos e aqui estou diante das possíveis respostas para elas e no entanto sinto medo! Sim, é um medo interno muito grande não consigo explicar!

Sem mais demora, estendeu sua mão em direção ao seu destino, aproximou o volumoso algodão amarelo e sentiu uma torrente de calafrios pelo corpo. Sua mão então

deslizou pelo cordel que amarrava a parte superior do embrulho e ao tocar o lacre feito de uma cera vermelha, sentiu em seus dedos diversas inscrições, mas não reconhecia nada daquilo.

Suas mãos num impulso de coragem e tensão, romperam o selo e aos poucos foi desamarrando os últimos nós que o separavam de seu passado e quem sabe de seu futuro...

Vário objetos se colocavam diante de sua visão e cautelosamente ele retirou-os um a um.

Primeiramente um manto de seda branca ,bordado com inscrições semelhantes às do selo que acabara de romper, numa coloração dourada, de difícil obtenção até mesmo para os mais peritos artesões que trabalhavam com fios de ouro e seda, junto com o manto um capuz violeta e um cinturão também violeta completavam a vestimenta. Seus olhos brilhavam diante da beleza daquela roupa, que apesar de diferente lhe parecia bastante familiar.

Prosseguiu em sua busca e retirou um pergaminho que continha uma mensagem indecifrável por ele, não vira nada parecido com aquilo em nenhum livro,

pois apesar de camponês ele também tivera a oportunidade de aprender a ler e escrever com diversos sábios que vinham de regiões distantes e a pedido de seu pai o instruíram em ensinamentos budistas e demais conhecimentos da época, o que o fazia diferente das demais pessoas que o cercavam, pois além de ser considerado um excêntrico era também um sábio, ensinava às crianças o conhecimento de Buda quando tinha suas folgas com o trabalho do campo. Mas aquele pergaminho não podia ser decifrado por ele.

- Mas por quem?...Pensava ele sem encontrar resposta.

Deixou as mensagens de lado e apanhou um terceiro e último presente, um medalhão dourado, com uma estrela de doze pontas gravada nele e diversos desenhos na outra face da medalha, uma estrela de cinco pontas, uma espada e uma meia lua, ladeadas pelas mesmas inscrições do manto, tudo trabalhado num estranho metal, parecido com ouro, mas extremamente leve.

Yaeve olhou todos os objetos juntos e pensou:

- Não consigo entender, parece que nada disso me pertence! Não posso ler as inscrições, nem me atrever a vestir esta roupa ou usar a medalha e se não for para mim?!

Milhares de pensamentos o atormentavam e zombavam de suas dúvidas, como duendes brincalhões que assustam nas matas os mais desatentos.

Então como que num clarão de fogo em sua mente veio a resposta:

- Meu pai ! Ele disse que conseguiu decifrar alguma coisa no selo! É isso, ele deve saber mais...

Colocou todos os objetos em seu devido lugar, amarrou o pacote e correu para casa.

Com muita aflição percorreu pelos estreitos caminhos no mato, mas deteve-se em seu trajeto, pois Arsteb estava sentado à beira do rio, a meio caminho de sua casa.

- Pai!?

- Sim?

Arsteb com o rosto cansado e ainda entristecido, estranhou a atitude do filho que bem sabia que não podia incomodar ninguém em seus momentos de meditação. Fez

um sinal para Yaeve e este sentou-se próximo a ele e perguntou:

- Pai, meus presentes continuam um enigma sem resposta!

- Em que posso ajudá-lo?

- Você me disse que conseguiu decifrar algumas das mensagens do selo! Como?

- Apenas o nome eu consegui soletrar, mas a data para entregá-lo foi um monge Tibetano que viajava junto com um de seus antigos professores. Como eu não queria que ninguém visse o embrulho, anotei em papel separado os dizeres e entreguei ao professor. Este no entanto me olhou indignado, achando talvez que eu o estava testando, mas nesse momento o monge retirou o papel de minha mão e com olhos de espanto, recitou alguns sons vocálicos em seu idioma e num sotaque carregado me perguntou onde eu havia encontrado aquele papel. Disse apenas que encontrara no mato, ele notando minha frieza de resposta resolveu não insistir, pois viu que eu não iria lhe falar mais nada. Apenas completou com uma estranha frase:

“Somente com doze anos, não antes...”.Guardou o papel em seu manto amarelo e retirou-se.

- Teu instrutor nada falou a respeito, mas eu entendi a mensagem...

- E este monge? Quem era ele? - Perguntou Yaeve mais calmo.

- Conversando posteriormente com seu professor, ele me disse que o monge pertencia a um mosteiro ao norte de Lhassa, a capital Tibetana ; mesmo assim ele possuía muitos contatos na cidade, pois ele era o encarregado de fazer compras de mantimentos e outros materiais necessários ao mosteiro, sendo portanto muito conhecido e respeitado.

- Como era o seu nome ?- Insistiu o jovem.

- Tzang Nongpa, o sábio. Assim ele era chamado.

Yaeve olhou para o rio, seu pai num gesto intuitivo retornou à sua meditação, prevendo o que iria acontecer.

Yaeve agora sabia o que queriam dizer os seus sonhos: ”Logo seu caminho irá iniciar...”.Num suspiro

profundo o jovem olhou para o horizonte e em sua mente novas imagens se desenrolaram, cenas diferentes de um caminho que teria de ser trilhado o quanto antes. Seu coração agora guiava seu corpo à uma viagem distante, rumo à longínqua Lhassa em busca do monge de manto amarelo...

Capítulo V

Louise olhava a fila de passageiros que se aprontava para entrar no avião, a maioria deles eram estudantes que entre empurrões e brincadeiras mostravam nas faces a jovialidade e a irreverência típica de suas poucas idades.

Somente Robert era diferente dos demais, seus profundos olhos castanhos guardavam misteriosas verdades que só ele conhecia e não compartilhava com ninguém.

Era estranho para Louise namorar alguém tão calado, pois ela sempre fora alegre e expontânea, transmitindo simpatia a todos que conhecia, mas parecia que seu carisma não afetava Robert que sempre pensativo procurava observar tudo o que se passava a sua volta.

- Você tem algum problema? Perguntou Louise.

- Não! Estou apenas revendo velhos pensamentos e tentando colocá-los em ordem, não se preocupe comigo.

Louise sabia que quando Robert a interrompia em suas indagações, era sinal para calar-se pois um longo período de silêncio viria.

- Suas passagens Senhores - Repetia a aeromoça num tom gentil mas mecânico. Louise retira sua passagem e recorda por breves instantes as dificuldades pelas quais passara para estar ali naquele momento e com um sorriso amarelado mostra o seu passaporte para a liberdade, mesmo que fosse por apenas uma semana.

Após acomodar-se em sua poltrona ao lado de Robert, Louise procurou quebrar o seu silêncio.

- Já conhece a Índia?

- Sim

- O que já foi fazer lá?

- Quando eu era pequeno meu pai por motivo de doença precisou ir à Índia, contava-se que lá havia os

melhores curandeiros que se conhecia na época, sendo assim o acompanhei em sua jornada rumo à sua recuperação.

- Que idade você tinha?

- Uns doze anos mais ou menos...

- Mas o que aconteceu ao seu pai? Ele conseguiu se curar?

- Assim que chegamos à Benares, um amigo do meu pai nos esperava e sem demora levou-nos a um lugar chamado de “Refúgio dos Sábios”, onde o meu pai tinha uma consulta com um ancião chamado Bel-Adaar, famoso por seus feitos na arte de curar. Após percorrermos várias ruas estreitas e cobertas de areia amarelada, paramos em frente de uma estreita passagem...

- Por favor senhores passageiros, apertem seus cintos, iremos decolar, tenham todos uma boa viagem...

Após ajustar os cintos em torno de seus corpos, Louise segurou forte a mão de Robert que num gesto similar acolheu a mão da moça que ficou agora mais segura e tranqüila.

A decolagem transcorreu naturalmente e assim que o avião estabilizou o vôo, Louise procurou saber mais a respeito da história do pai de Robert.

- Como eu ia dizendo - Continuou ele - Após pararmos em frente àquele estranho beco, fomos guiados até seu interior e após passar duas ou três portas entramos em uma pequena sala retangular, o local era simples não tinha enfeites ou algo parecido, mesmo assim inspirava um ambiente sóbrio e até com um determinado requinte em relação aos demais.

De uma cortina azul escura ,saiu nosso anfitrião, que já sabia antecipadamente da visita de meu pai e do que se tratava a doença.

- O que seu pai tinha? Perguntou Louise meio agitada.

- Estava nas fases terminais de leucemia...

- Desculpe, eu...

- Tudo bem, o sofrimento daquela época tomou rumos diferentes em meus conceitos, se você quiser que eu pare o relato...

- Não não, pode continuar!

- Após colocar o meu pai numa espécie de maca, sobre a qual havia uma toalha branca, previamente arrumada para o que iria ocorrer, o ancião inclinou sua cabeça para trás e como num gesto compulsivo virou seus olhos e após um ligeiro rodopio ele pôs-se a falar num sotaque carregado e estranho, mais para meu espanto o que ele pronunciava era Latim, eu compreendia alguma coisa, naquela época eu era aluno de um colégio interno na minha cidade, só que eu não entendia como um velho indiano sabia falar tão bem em Latim!? O amigo do meu pai que ficou o tempo todo ao meu lado me sussurrou no ouvido que aquele era um espírito guia que o ancião recebia em seu corpo, você pode imaginar a confusão mental que eu me encontrava em meio aquilo!

Louise acompanhava o relato bastante curiosa e atenta a cada palavra ,parecendo até mesmo que todo o seu ser tinha sido tragado pela história de Robert.

- Algumas palavras eu pude traduzir, mas muitas coisas eu só pude compreender tempos depois. Meu pai de olhos fechados e com um suor frio em sua testa teve a sua camisa aberta e o velho como que maquinando alguma aparelhagem invisível apertava e movimentava as suas mãos